

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 18
28 de fevereiro de 2024



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA

Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo

Sergio Riccluto Conte



As obras de Deus são fascinantes

Núcleo Fé e Cultura

No primeiro capítulo do livro do Gênesis, lemos repetidas vezes que Deus, à medida que vai criando todo o universo, vai se dando conta de que tudo que fazia “era bom”. Contudo, esta expressão provavelmente não dá conta do significado do texto original hebraico – no qual a palavra para “bom” é טוב (tov). Na Septuaginta, tradução do Antigo Testamento provavelmente feita por eruditos judeus, em Alexandria, no século III a.C., a palavra empregada nessas passagens do Gênesis é καλός (kalos). As duas palavras (טוב e καλός) têm em comum o fato de poderem ser aplicadas tanto para designar “bom” quanto “belo”. Apenas na versão latina, a Vulgata, surge o problema de optar entre duas palavras: *bonum* (bom) ou *pulchrum* (belo) – e os tradutores irão optar pelo uso de *bonum*.

No grego, existe a palavra αγαθός (agathos), usada para se referir àquilo ou àqueles que são bons. Portanto, a oração por καλός, feita pelos primeiros tradutores do hebraico para o grego, não foi acidental. Deus não apenas viu que suas obras eram boas, mas viu igualmente que eram belas – numa acepção segundo a qual as duas qualidades são indissociáveis: o bom se apresenta como belo e a beleza implica bondade. Entre crianças pequenas, frequentemente vemos essa mesma postura: pessoas vistas

A beleza do amor de Deus se revela a nós não só por meio dos ensinamentos cristãos, mas em toda a criação, nas artes e nas engenharias realizadas pela humanidade, nas descobertas da ciência e na filosofia. Mas, para penetrarmos nesse mundo de fascínio e beleza, necessitamos de uma educação adequada, precisamos percorrer a via da beleza – e ajudar nossos irmãos e irmãs a virem conosco nesse caminho.

como boas são consideradas bonitas. O desenvolvimento da linguagem, ao precisar os dois conceitos, “bom” e “belo”, aumenta o risco do esteticismo, a contemplação das formas sem olhar seu conteúdo, e do moralismo, a norma reduzida à forma, desconhecendo seu valor original.

O ser humano encontra a Deus graças ao Seu amor gratuito, que é caridade e misericórdia para conosco. Contudo, o que podemos dizer de um amor que não se revela como beleza? Será possível um amor que se torna maduro e fecundo e não se descobre belo? Pode haver um verdadeiro caminho cristão que não seja tomado pela beleza e pelo fascínio de se descobrir amado e capaz de amar? Em um documento de 2006, do então Pontifício Conselho para a Cultura, lemos:

“Muitos, infelizmente, percebem o Cristianismo como uma submissão a mandamentos compostos de proibições e limites à liberdade pessoal. O

Papa Bento XVI recordou-o durante uma entrevista à Rádio Vaticano, no dia 14 de agosto de 2005, antes de partir para Colônia para se encontrar com jovens de todo o mundo reunidos para as Jornadas Mundiais da Juventude. E disse, entre outras coisas: “Eu, porém, gostaria de fazê-los compreender que ser sustentado por um grande Amor e por uma revelação não é um peso: isto dá-te asas e é belo ser cristão. Esta experiência dá amplitude... A alegria de ser cristão: é belo e também é certo acreditar” ([Via pulchritudinis, caminho privilegiado de evangelização e diálogo](#)).

Sim, a cultura cristã é uma cultura da Beleza – e, por isso, capaz de se deixar fascinar por toda beleza. Mesmo aquela feiura que muitas vezes é apresentada como beleza, paradoxalmente, pode nos revelar a verdadeira beleza. Como uma imagem em negativo, que nos mostra as formas, ainda que com cores trocadas, a falsa beleza

nos fala da dor humana, dos anseios irrealizados, do desespero dos caminhos errados. E, dessa forma, nos mostra a beleza desse coração carente de Deus, que clama ao universo pela ternura de um amor verdadeiro.

Mas, o caminho da beleza, a *via pulchritudinis*, precisa ser trilhado em comunidade, num trajeto onde aqueles que já descobriram o fascínio da ação do Senhor nos diferentes aspectos da vida nos ajudam a reconhecer o belo que se esconde em cada aspecto do real. Alguns podem nos ajudar no campo das ciências da natureza, outros mostrarão a beleza da matemática, os artistas serão mestres privilegiados, o magistério da Igreja nos apresenta a própria beleza de Deus... cada um de nós tem algo a ensinar e muito a aprender...

Pensando nisso, e valendo-se dessa possibilidade de releitura da frase do Gênesis, os mosteiros beneditinos camaldolenses da Transfiguração e da Encarnação, em Mogi das Cruzes (SP), realizarão em 2024 uma série de encontros com o título geral “Deus viu que tudo era muito belo” (cf. Gn 1,31), em que professores capacitados apresentarão diferentes temas sob a ótica da beleza que se mostra a partir da fé cristã... E esta edição dos Cadernos Fé e Cultura retoma este tema para falar de monaquismo, beleza e cultura.

Monaquismo e Cultura

Ana Lydia Sawaya*

Desde o início do monaquismo cristão, a leitura das Sagradas Escrituras foi o alimento principal dos monges, além daquele corporal. Por isso, para viver meditando as Escrituras, pressupunha-se que os monges deveriam saber ler.

Além do mais, já desde os primeiros séculos, a leitura da vida de santos monges e monjas, como Santo Antão, Santa Sinclética, os Padres do Deserto, o conhecimento de seu modo de vida e ensinamentos, foi parte da vida cotidiana de monges e monjas. Liam, trocavam experiências e se encontravam regularmente para tanto.

Muito cedo se compreendeu que a vida monástica era um modo de viver a fé que necessitava de ensinamento, inspiração e partilha de experiências. Mas como vivê-la bem? Por meio de experiências de vida que eram progressivamente relatadas e compartilhadas.

A necessidade de aprender a viver, alimentar-se da experiência de vida de outros, e meditar constantemente as Escrituras criou uma cultura monástica sapiencial que se tornou patrimônio da humanidade.

São Bento, no século VI, sintetiza em uma pequena Regra essa sabedoria, aproveitando e citando nela muitos dos ensinamentos dos monges que o precederam. Ele ensina que os monges e monjas devem ter como uma das ocupações principais a *lectio divina* “que inclui a meditação: *meditari aut legere*. Por consequência, no mosteiro é preciso possuir livros, saber escrever, saber ler. [...] Para tanto, é preciso que se saiba escrevê-los” (cf. Leclercq, J. *O amor às letras e o desejo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 22).

A história monástica testemunha o trabalho milenar de cópia de manuscritos, tradução e redação de comentários, de filosofia, teologia, gramática, retórica, geometria, aritmética, lógica etc., dos povos antigos. Graças a um número imenso de monges copistas, a cultura clássica chegou até nós. Está intimamente ligada ao monaquismo a fundação das grandes universidades dos séculos XII e XIII. Mesmo em séculos mais recentes, o número de monges que realizaram descobertas científicas é notável. Não se pode buscar a Deus sem se encantar pela beleza

Tanto a Igreja Católica quanto a civilização ocidental devem muito ao monaquismo, em termos não só de vida espiritual, mas também de cultura e amor à beleza.



que Deus cria e recria no mundo, e que é sinal eloquente Dele mesmo. Ele que é o sumamente Belo!

Os camaldolenses. Dentro da grande história monástica encontra-se a reforma feita por São Romualdo, no século XI. Ele tem a inspiração divina de reformar o monaquismo, reintroduzindo a estrutura das *lauras* orientais dos primeiros séculos, nas quais monges e monjas eremitas viviam em pequenas casas, em solidão e silêncio, mas próximas umas das outras.

Essa estrutura física permitia a existência de uma comunidade monástica com amplo espaço para uma vida pessoal mais retirada, mas, ao mesmo tempo, compartilhada com encontros

regulares e oração em comum. Assim surge a congregação beneditina camaldolense, cujo nome vem do mosteiro sede em Camaldoli, no centro da Itália. A vida mais solitária

é ainda mais propícia ao amor às letras, ao cultivo da leitura, meditação e produção de escritos.

Foi Guido de Arezzo, monge camaldolense, quem inventou as notas musicais. Os camaldolenses contribuíram também para o desenvolvimento da cartografia. No mosteiro de Camaldoli, cresceu e se desenvolveu o humanismo cristão. Em nosso tempo, as monjas e monges camaldolenses se empenham no diálogo ecumênico e inter-religioso, em particular no diálogo judeu-cristão.

Quando ocorreu a possibilidade de abertura para os mosteiros contemplativos femininos, após o Concílio Vaticano II, foi o mosteiro camaldolense Sant'Antonio Abate de Roma que ofereceu a sede e organizou o primeiro Curso de Formação Monástica para monjas contemplativas.

A vida beneditina camaldolense é animada por uma pluralidade de formas chamada *triplex bonum* (três coisas boas): vida comunitária, vida eremítica e vida apostólica, que se dá particularmente mediante a hospitalidade em seus mosteiros. Dessa forma, a pessoa de cada monge ou monja recebe uma atenção especial e diversificada em relação à sua forma de vida. Esta característica gera um cuidado particular quanto à sua formação espiritual e cultural.

Para os beneditinos camaldolenses, como dizia Dom Benedetto Calati (Prior-geral entre 1969 e 1987), a função cultural do monaquismo será decisiva para sua abertura e crescimento, e para fazer crescer, a partir do coração, o caminho eclesial de toda a Igreja. Afirmava, também, que a atenção cultural devia ser voltada não só para a teologia, mas também para a filosofia, a literatura, a história, além das outras ciências humanas.

A procura de Deus gera uma cultura e precisa da cultura para ser alimentada.

* Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da Unifesp, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, e pesquisadora visitante do MIT, nos Estados Unidos.

Os três caminhos da Via da Beleza

O belo, assim como o verdadeiro e o bom, conduz-nos a Deus, Verdade Primeira, Bem Supremo e a própria Beleza. O belo nos diz mais sobre a verdade e o bem. Dizer que um ser é belo não significa apenas reconhecer uma inteligibilidade que o torna amável [...] Se o bem expressa o desejável, a beleza expressa ainda mais o esplendor e a luz de uma perfeição que se manifesta [...] Percorrer a *Via pulchritudinis* implica comprometer-nos a educar os jovens sobre a beleza, ajudando-os a desenvolver um espírito crítico face ao que a cultura midiática oferece, e a moldar a sua sensibilidade e caráter para os elevar e conduzir à verdadeira maturidade.

A beleza da criação. Uma escuta particular à natureza ajuda a des-

O documento *Via pulchritudinis, caminho privilegiado de evangelização e diálogo* (2006), do então Pontifício Conselho para a Cultura, atual Dicstério para a Cultura e Educação, mostra como na criação, na arte e no próprio Cristo nós encontramos a beleza (pulchritudinis) que pode nos conduzir a Deus.

cobrir nela o espelho da beleza de Deus. Por isso, é urgente promover uma maior atenção à criação e à sua beleza, tanto na formação humana quanto na cristã, evitando reduzi-la a um simples ecologismo, até mesmo a uma visão panteísta [...]. Devemos ter o cuidado de destacar a dupla dimensão da escuta: escutar a criação que narra a glória de Deus, e escutar de Deus que nos fala por meio da sua criação e se torna acessível à razão.

A beleza das artes. Se a natureza e o cosmos são expressão da beleza do Criador e nos introduzem no limiar de um silêncio totalmente contemplativo, a criação artística tem a capacidade de evocar o indizível do mistério de Deus. [...] Para o crente, a beleza transcende a estética e a beleza encontra o seu arquétipo em Deus. Cada obra de arte cristã tem um significado: é, por natureza, um “símbolo”, uma

realidade que remete para além de si mesma, que ajuda a avançar no caminho que revela o sentido, a origem e a meta do nosso caminho terreno.

A beleza de Cristo, modelo e protótipo da santidade cristã. A beleza singular de Cristo, como modelo de uma “vida verdadeiramente bela”, reflete-se na santidade de uma vida transformada pela graça [...] Da beleza interior e da profunda emoção provocada pelo encontro com a Beleza em pessoa – pensemos na experiência de Santo Agostinho – surge a capacidade de propor acontecimentos de beleza em todas as dimensões da existência e da experiência da fé.

A beleza na experiência monástica

Monja Beneditina
Camaldolense*

“Isso é muito belo! Fomos criados para amar, como reflexo de Deus e do seu amor”. Esta é uma das frases maravilhosas do Papa Francisco pronunciadas durante a sua [catequese sobre o sacramento do Matrimônio](#). Embora o Papa tenha feito esta afirmação referindo-se ao casamento, ela se aplica a cada vocação e a cada pessoa, porque todos somos reflexo de Deus e do seu amor. Fomos criados para amar. E isso é belo. Sem amor, nenhuma realidade parece bela. E toda realidade humana, mesmo a mais dolorosa, torna-se bela se estiver impregnada de amor. Segundo São Tomás de Aquino, a beleza é uma característica do ser, juntamente com a verdade e o bem, mas enquanto a verdade diz relação ao conhecimento e o bem ao comportamento, a beleza diz respeito a ambos. E assim o amor é simultaneamente verdadeiro e bom. O amor abre-nos a porta do conhecimento e atrai-nos com tanta força que não conseguimos resistir.

Em março de 2021, Dom João Braz de Aviz, Prefeito da Congrega-

A vida de monges e monjas é um dos “rastros concretos que a Trindade deixa na história, para que os homens possam sentir o encanto e a nostalgia da beleza” (Vita consagrada, VC 20). Somos criados para amar e, amando, amadurecemos, transfiguramo-nos para que a beleza do rosto de Cristo e da sua humanidade possa brilhar em todos.

ção para a Vida Consagrada, escreveu uma carta por ocasião dos 25 anos da publicação da exortação apostólica [Vita consagrada](#), de São João Paulo II. A carta é particularmente feliz para explicar a beleza na vida monástica, ainda que se dirija a todo consagrado e traga uma exortação que, devidamente compreendida, serve a todos os que compartilham uma experiência de fé:

“Se Deus é belo, então ser consagrado a Ele é belo... o consagrado é chamado a ser testemunha da beleza. Num mundo que corre o risco de uma brutalização perturbadora, a *via pulchritudinis* [via da beleza] parece o único caminho para alcançar a verda-

de ou para torná-la credível e atraente. Os consagrados e as consagradas devem despertar em si mesmos, mas sobretudo nos homens e nas mulheres do nosso tempo, a atração pelo que é belo e verdadeiro. Belo, portanto, e não apenas corajoso e verdadeiro, deve ser o testemunho e a palavra oferecida, porque belo é o Rosto que anunciamos.

Belo deve ser o que fazemos e como o fazemos.

Bela deve ser a fraternidade e a atmosfera que respiramos.

Belo deve ser o templo e a liturgia à qual todos são convidados, pois belo é rezar e cantar os louvores do Altíssimo e deixar-se ler por Sua palavra.

Belo é estar juntos em seu nome,

trabalhar juntos, mesmo que às vezes seja exigente.

Belo é nosso ser virgem para amar com o Seu coração.

Belo é ser pobre para dizer que Ele é o nosso único tesouro.

Bela é a nossa obediência à Sua vontade de salvação também entre nós, para buscarmos somente a Ele.

Belo é ter um coração livre, para acolher a dor daqueles que sofrem e para Ihes mostrar a compaixão do Eterno...

Belo deve ser até mesmo o ambiente na sua simplicidade e sobriedade criativa: a casa, a mesa posta... Que haja gosto e decoro nos quartos, para que tudo na habitação deixe transparecer a presença e a centralidade de Deus.

Beleza suprema, sacramento da misteriosa beleza do Eterno, daquela beleza exclamada por Pedro no Tabor, diante da explosão de luz e esplendor”.

* A autora é monja beneditina, na Itália. Seguindo uma tradição de algumas ordens contemplativas, pede para que seus textos sejam publicados sem seu nome, em sinal de sua humildade e postura de silêncio.

ENCONTROS CULTURAIS CAMALDOLENSES 2024

Deus viu que tudo era muito belo

Origem e evolução do universo.

Ulisses Barres de Almeida, pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas e Membro da Academia Brasileira de Ciências. Doutorou-se em astrofísica na Inglaterra, com pós-doutorado no Instituto Max-Planck, na Alemanha. **2 de março, das 8h às 16h.**

Transfigurados no Senhor, uma autêntica experiência cristã.

Lançamento do livro de Dom Emanuele Bargellini OSB cam., recentemente falecido. **6 de abril, das 15h às 17h.**

A arte sacra como comunhão, participação e missão.

Hilda Souto, doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR; Mestre em Artes Visuais pela Unesp. É artista plástica e designer. Foi assistente do artista Cláudio Pastro. **25 de maio, das 8h às 16h.**

O teatro e o sagrado: a busca da beleza no ser humano – a dança dos santos e das flores.

José Maurício Cagno, ator, diretor tea-

tral, dramaturgo e professor de teatro, com mestrado em Psicologia da Educação pela USP-RP sobre a arte da palavra. **27 de julho, das 8h às 16hs.**

Como tudo começou? Um olhar sobre o Gênesis.

Ombretta Pivano, biblista italiana, doutorou-se em Teologia Bíblica pela Universidade Gregoriana de Roma. Foi professora de Sagrada Escritura e responsável pelo *Centro di Documentazione internazionale sulle*

relazioni ebraico-cristiane. O encontro será via teleconferência. **7 de setembro, das 8h às 16h.**

É possível uma ética que nasça da experiência de beleza e não da norma?

Francisco Borba Ribeiro Neto, sociólogo e biólogo, coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP. **Os puros de coração verão a deus: um olhar sobre a experiência monástica.** Ana Lydia Sawaya, monja beneditina camaldolense. **19 de Outubro, das 8h às 16h.**

Mosteiro da Encarnação



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Inscrição: <https://forms.gle/6n1guesxfjjoa4sv8>

Informações ou dúvidas enviar e-mail para: encontrosamaldolenses@gmail.com

Valores para cada encontro

R\$ 125,00, com café da manhã, almoço e lanche.

R\$ 180,00, com pernoite (sexta-feira para sábado), jantar, café da manhã, almoço e lanche.

Realização

Mosteiro da Transfiguração
Mosteiro da Encarnação
Rodovia Mogi Dutra, Km 41,5,
Mogi das Cruzes (SP)

Apoio

Faculdade Paulo VI, Mogi das Cruzes
Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP

Livros

Elogio da sede: uma reflexão sobre nosso coração inquieto

Raúl Cesar Gouveia
Fernandes*

Elogio da Sede reúne as meditações do retiro de Quaresma pregado à Cúria Romana em 2018. O autor é José Tolentino de Mendonça, cardeal português que desde 2022 ocupa o posto de Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação do Vaticano.

Uma das principais características da obra é a capacidade de explicitar o diálogo entre a fé e a cultura contemporânea, ressaltando que o fato cristão representa uma resposta válida para o homem de hoje e para as circunstâncias concretas que ele está convidado a enfrentar. É por isso que o livro recorre não apenas a autores consagrados do pensamento católico, mas também a diversas vezes menos comuns em obras do gênero, tais como Fernando Pessoa, Clarice Lispector e outros.

Como indica o título, o tema central das reflexões é a “sede”, a carência e o desejo, característicos de todo homem. Mas num mundo que exalta o atendimento imediato a todos os nossos impulsos (como se a vida fosse um imenso supermercado), muitas vezes deixamos de olhar para nossa sede real: vivemos, então,

uma indiferença, “desvitalização” ou “ausência” de nós mesmos, fenômeno que se manifesta de múltiplas formas nos dias de hoje. Acima de tudo, porém, o enfraquecimento das exigências que nos constituem leva também ao esquecimento da razoabilidade da fé, que parece não responder mais ao nosso coração. Assim, a primeira contribuição do autor é ajudar-nos a resgatar a verdadeira dimensão de nossa sede: o desejo infinito e o desejo de infinito, nas palavras do autor.

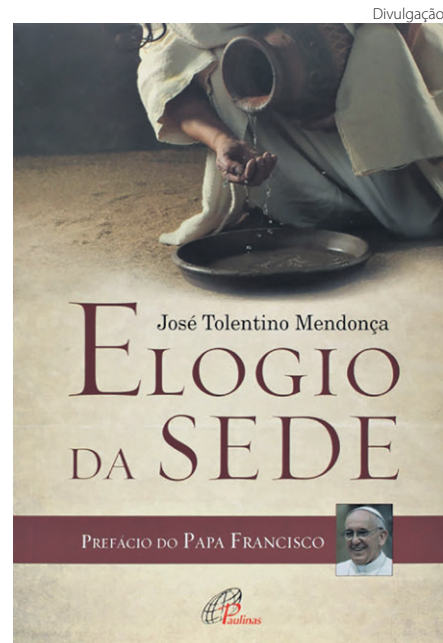
Isso requer, acima de tudo, estarmos disponíveis para o “espanto”, que é o oposto de permanecer comodamente no terreno das coisas já sabidas. Com efeito, o primeiro capítulo já principia de modo surpreendente, pois, em vez de discorrer sobre o desejo que caracteriza o coração humano, é da sede de Jesus que ele parte, retomando o episódio do encontro com a samaritana, no qual é Ele mesmo quem roga: “Dá-me de beber”. Jesus também tem sede do amor de cada um de nós, e pede humildemente uma resposta de nossa parte.

Outra qualidade do livro é ajudar-nos a compreender que a sede é es-

sencial para a caminhada na fé, pois ela pode ser o ponto de partida para um relacionamento pessoal mais autêntico com Cristo.

Santo Agostinho disse que nosso coração anda inquieto enquanto não descansa n'Ele. Mas é preciso não esquecer que, paradoxalmente, a fé não elimina nosso desejo e nossa busca. *Elogio da Sede* lembra-nos de que a chama do desejo deve continuar a arder sempre, porque, por um lado, é no encontro com Cristo que tomamos consciência da profundidade de nossas exigências e nos tornamos capazes de levá-las a sério, sem fugir de sua dramaticidade; e, por outro lado, porque, fora da lealdade conosco mesmos, com nossos anseios e limitações, a fé torna-se fria e formal, como uma piedosa lembrança que já não é mais capaz de nos fascinar hoje.

Por fim, os últimos capítulos do livro nos lembram que o aguilhão do desejo é o que permite à Igreja permanecer “em saída”, aberta ao encontro com os outros. Ou seja: a fidelidade à sede que nos constitui é essencial também para que a fé se torne cultura. Por isso, a questão do



MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da sede*. São Paulo: Paulinas, 2018.

desejo são se resume a uma dimensão intimista: a retomada de nossas exigências fundamentais é essencial para que continuem a brotar a criatividade e a paixão pelo homem, das quais nasceram tantas respostas novas para os desafios da vida concreta nos últimos dois mil anos – respostas tão ou mais necessárias também no mundo de hoje.

* Professor do Centro Universitário da FEI e Doutor em Literatura Portuguesa pela USP

Cine & vídeo

Vidas Passadas (*Past Lives*)

Rafael Ruiz*

Vidas Passadas foi indicado ao Oscar de melhor filme e roteiro original, e conta a história de Nora (Greta Lee) e Hae Sung (Teo Yoo), dois amigos de infância com uma conexão profunda, mas que acabam se separando quando a família de Nora decide sair da Coreia do Sul e se mudar para a cidade de Toronto, no Canadá. Vinte anos depois, os dois amigos se reencontram em Nova York e vivenciam uma semana difícil de qualificar num único adjetivo.

Aliás, esse seria o desafio que gostaria de lançar a quem me estiver lendo: que nome daria a essa semana em que as duas personagens do filme passaram juntas em Nova York? Que qualificativo usaria para completar aqui: foi uma semana...dura? Difícil? Linda? Doce? Romântica? Talvez ajude a decidir se prestar atenção ao diálogo que Nora e o seu marido canadense têm na cama enquanto nenhum dos dois consegue dormir.

A diretora, Celine Song, disse numa entrevista que o filme “é uma coisa vivida em meu próprio corpo”. E não deixa de ser surpreendente o fato de que, sendo o seu primeiro longa como diretora, seja candidata ao Oscar. É um filme de

Uma história de amor impossível, daquelas que não se fazem mais em Hollywood, talvez porque, no limite, pouco se acredite ou se saiba sobre o que venha a ser o amor no mundo ocidental. Estamos diante de um clássico, como na sua época já foi “Casablanca”, só que em chave oriental e, concretamente, coreana.

silêncios, de gestos simples e delicados, de olhares. Um filmeno qual o simples andar juntos ou um olhar carinhoso para quem se ama tem todo o peso da transcendência daquilo que, no fundo e de verdade, é realmente o amor.

Dá a impressão de que a diretora quis deixar para cada um dos que assistirem ao seu filme o peso das decisões. No começo, trata-se de duas crianças que se gostam e se querem bem, mas não têm como decidir por si próprios. Depois, quando voltam a se encontrar pela internet, são jovens com toda a vida pela frente e ainda não há necessidade de tomar nenhuma decisão mais definitiva, até porque sempre há um momento algo mais para a frente do presente. E quando, depois de 24 anos, finalmente voltam a se encontrar, então somos nós que queremos tomar as decisões por eles até porque parece que

eles ainda não se decidem. E mesmo assim, as decisões são tomadas sim, mas com aquela delicadeza e aquele ritmo lento oriental aos quais parece que não estamos muito acostumados.

Pelo título do filme, tendemos a pensar que talvez haja um certo fatalismo de fundo, como se tudo já tivesse sido resolvido num momento bem anterior, antes mesmo de as pessoas existirem. Contudo, basta assistir ao desenrolar da história para perceber que cada uma das personagens foi se tornando adulta à medida precisamente em que foi tomando as suas decisões e, mais ainda, foi se tornando mais humana e confiável à medida em que suas decisões foram sendo confirmadas com suas próprias vidas e suas próprias dores e alegrias de cada momento presente.

O filme ainda não chegou ao *streaming* e ainda se falará muito dele quando o Oscar estiver mais próximo. Vale a pena conferir. É mesmo uma bela história de amor.



VIDAS PASSADAS (*Past Lives*)
Gêneros: Ação, Drama, Suspense
Direção: Celine Song
Roteiro: Celine Song
Elenco: Greta Lee, Yoo Teo, John Magaro
Lançamento: 2024
Duração: 1h46min

streaming e ainda se falará muito dele quando o Oscar estiver mais próximo. Vale a pena conferir. É mesmo uma bela história de amor.

* Professor de História da América da Unifesp e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo